

A EVOLUÇÃO DA NOÇÃO DE PARÂMETROS*

(The Evolution of the Notion of Parameter)

Mary A. KATO
(Unicamp)

ABSTRACT: *This paper presents an overview of the concept of parameter in the Principles and Parameters theory, showing that a) in the first stage parameters were conceived as variation associated to the Principles and b) in the second stage as properties of the lexicon, and more specifically as properties of functional categories. The latter view has also developed from a substantive conception of functional categories to a more formal abstract characterization of functional heads. The paper also discusses parameters related to different levels of representation.*

KEY-WORDS: *Principles and parameters; Syntactic variation; Morphological variation; Generative theory.*

RESUMO: *Este trabalho apresenta uma retrospectiva do conceito de parâmetro na teoria de Princípios e Parâmetros e mostra que: a) no primeiro estágio da teoria, os parâmetros eram concebidos como propriedades associadas a Princípios e b) no segundo estágio, como propriedades do léxico, mais especificamente do léxico funcional.. Essa segunda visão também sofreu uma evolução, de um conceito substantivo, para um conceito formal de classes funcionais. O trabalho discute ainda a noção de parâmetros associados a diferentes níveis de representação.*

PALAVRAS-CHAVE: *Princípios e parâmetros; Variação sintática; Variação morfológica; Teoria gerativa.*

* Agradeço a Ruth Lopes pela leitura cuidadosa da primeira versão deste trabalho e as sugestões pertinentes incorporadas nesta versão. Meus agradecimentos também a Maria Eugenia L. Duarte e Sonia Cyrino pela ajuda na localização de exemplos e referências.

1. Introdução

Desde o trabalho clássico de Sapir (1921) e de Greenberg (1966), a lingüística vem se preocupando com a variação sintática encontrada nas línguas naturais. A lingüística histórica (Cf Lehmann, 1978 / 1997 e referências ali citadas) e a lingüística relacional e funcionalista (Cf Li (org.), 1975; Comrie, 1981 e outros) tomam como fulcro de suas questões a tipologia lingüística. Na lingüística gerativa a preocupação com a diversidade sintática só é manifestada explicitamente no modelo de Princípios e Parâmetros (PP) a partir da década de oitenta (Chomsky, 1981, 1982, 1986). Até então, a preocupação primordial era determinar os Princípios invariantes que governavam as línguas e não o que permitia a sua diversidade. Com a introdução da noção de Parâmetros, há uma explosão de trabalhos empíricos em lingüística comparativa, histórica e psicolingüística. Seu uso começou, então, a abalar o próprio conceito de “Princípio”, a aumentar ou diminuir o inventário de categorias e funções, a refinar a relação léxico/sintaxe e a alterar a própria arquitetura da gramática.

No presente estudo, pretendo examinar a evolução do conceito de “Parâmetro” dentro da teoria de Chomsky. Nem todas as propostas são explicitamente endossadas pelo mestre, mas introduzirei aquelas que direta ou indiretamente afetaram o modelo. Na segunda seção irei descrever a motivação central de Chomsky em introduzir a noção de “Parâmetro”, a saber, o problema lógico da aquisição. Na terceira parte, descreverei a noção de “Parâmetro”, aliada à de “Princípio”. Na quarta seção, introduzirei as propostas de que Parâmetros de variação são uma função do léxico, em particular do léxico funcional. Na quinta seção, discutirei as propostas de que “Parâmetros” se ligam ao lugar, ou ao nível, em que os processos gramaticais acontecem. Na sexta seção, apresentarei a concepção de Parâmetros como conjuntos de propriedades correlatas e, na conclusão, discutirei os ganhos da teoria com a introdução da concepção de Parâmetro, levantando as questões que esse conceito traz para a teoria da aquisição.

2. O problema lógico da aquisição

Toda teoria da aquisição traz intrinsecamente uma concepção do que se entende por “língua”. Chomsky (1986) faz uma distinção clara de duas concepções logicamente possíveis: a) a de língua definida como um objeto

externo, um conjunto de enunciados definidos extensionalmente e b) a que vê língua como algo interno à mente, como saber individual. A segunda é, portanto, uma visão de conjunto intensional de enunciados. Usando os velhos termos do modelo padrão, podemos dizer que enquanto **língua-I** se refere à competência do falante/ouvinte ideal, **língua-E** é um conceito genérico para se referir ao objeto de estudo dos lingüistas não-mentalistas.

Na concepção da gramática padrão (Chomsky, 1965) a língua-I, ou a competência do falante, se definia por um conjunto de regras. Mas esta visão levantava uma séria questão, platônica em sua natureza:

Como podem as crianças aprender uma língua de forma tão rápida e homogênea diante de um “input” imperfeito, sem uma hipótese forte sobre os possíveis conjuntos de regras que iriam encontrar?

O próprio Chomsky, falando retrospectivamente (1987:15) da gramática de regras afirma:

“There are no rules at all, hence no necessity to learn rules”¹

O conhecimento sintático de um falante adulto não é mais visto como um conjunto de regras de boa-formação, mas como sendo constituído de Princípios invariantes e propriedades paramétricas, estas com seus valores definidos a partir da língua que lhe serviu de “input” no período da aquisição.

Se língua-I é entendida como o estágio adulto do conhecimento lingüístico, a **Gramática Universal (GU)** é postulada como o estado S_0 inicial, comum a todas as crianças, homogêneo dentro da espécie humana. Longe de ser um estado vazio, a **GU** é definida como o conjunto dos **Princípios** invariantes que regem as línguas naturais e mais os **Parâmetros** de variação interlingüística, concebidos como opções presentes [+ ou 1] ou ausentes [- ou Ø]. Logo, uma boa parte da língua-I já está em S_0 , isto é, é inata ou bio-programada. Os Princípios não são aprendidos; quando muito maturam. Os Parâmetros também já estão previstos, mas, por serem pro-

¹ Não há regra alguma, logo nenhuma necessidade de aprendê-las.

priedades sub-especificadas, precisam ser definidos quanto ao seu valor [+1 ou -/0], através do “input” que a criança recebe de sua comunidade².

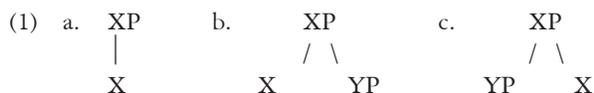
As propriedades paramétricas são pressupostas como sendo em número finito, e sua fixação, positiva ou negativa, como dependente exclusivamente de dados positivos. A aquisição não se desenvolve através de correções ou de instruções. É um processo seletivo e não instrucional. Mas essa visão coloca questões precisas para a teoria:

- a) de que natureza são esses Parâmetros?
- b) que propriedades superficiais decorrem de um Parâmetro?
- c) como limitar o número de Parâmetros?

Nas seções 3, 4 e 5 discutiremos a questão (a), na seção 6, a questão (b). A terceira questão aparecerá discutida rapidamente na conclusão.

3. Parâmetros como propriedades associadas a Princípios

Ao propor a teoria de PP, procurou-se inicialmente considerar os Parâmetros como propriedades sub-especificadas associadas aos Princípios. Um exemplo disso é a variação encontrada na posição do núcleo em uma estrutura X-barra. Os sintagmas em qualquer língua obedecem todos a estruturas endocêntricas do tipo (1), mas a posição dos núcleos apresentaria a opção [+núcleo inicial]/ [-núcleo inicial]:



Tratando da ordem sintática, Travis (1984) propõe que a posição dos argumentos tem a ver, não com a teoria X-barra, mas com a teoria do *Kaso*³ e dos papéis temáticos. Sua teoria explica a ordem sintática no chinês, que apresenta a seguinte variação:

² Para Chomsky, embora a língua-I seja um objeto interno ao indivíduo, uma comunidade que fala a mesma língua partilha o mesmo conhecimento lingüístico, isto é, pode apresentar uma língua-I comum no componente nuclear (*core grammar*) de sua gramática.

³ Convenciona-se grafar *kaso* pra o conceito abstrato e *caso* para o morfema substantivo.

- (2) a. SUJ [_{VP} OBL OI V OD]
 b. SUJ [_{VP} OBL OI ba-OD V]

O verbo pode ficar em posição final com todos os complementos à sua esquerda ou o objeto direto pode aparecer à sua direita. Quando este aparece à esquerda deve necessariamente ser precedido da preposição *ba*, isto é, quando tem a configuração de um complemento indireto. Trabalhos anteriores interpretaram essa variação como sendo um fenômeno de mudança (Cf Li & Thompson, 1976). O chinês estaria passando de uma língua SVO para SOV. O problema é que a variação tem estado estável por séculos, o que parece indicar que ambas as formas são licenciadas dentro da mesma gramática.

Travis mostra que a imposição de que o objeto se apresente precedido de preposição é indício de que é esta que licencia a anteposição do objeto. Sua tese é de que a gramática deve separar direcionamento de papel temático de direcionamento de Kaso. Na estrutura-profunda todos os argumentos nascem à esquerda do verbo, em uma configuração de núcleo final. Porém, o chinês marca Kaso como conferido à direita. O complemento oblíquo e o objeto indireto sempre são regidos por preposição. Este rege sempre à direita no chinês. Se o OD vem também regido de preposição, ele permanece *in-situ*, uma vez que Kaso pode ser conferido pela preposição e na direção correta. Se o OD vem sem a preposição *ba*, esse objeto direto fica sem kaso na posição de origem. Para obter Kaso, ele se move para a direita do verbo. O direcionamento do Kaso também é satisfeito nessas condições.

- (3) a. [_{VP} ...*ba* → DP V]
 b. [_{VP} t_I V → DP_I]

Mantém-se assim invariante o Princípio do Filtro de Kaso (todo DP precisa de Kaso) e parametriza-se o direcionamento dos argumentos- θ (estrutura-Profunda) e o direcionamento do Kaso (estrutura-Superficial).

Outra propriedade que pode variar em relação à teoria do Kaso é a sua manifestação morfológica. Assim, há línguas que marcam morfológicamente o Kaso, como é o caso do latim, e outras que o atribuem apenas estruturalmente, como é o caso do português. A marcação morfológica pode tam-

bém apresentar variação. Há línguas que opõem nominativo ao acusativo e outras que opõe absolutivo ao ergativo⁴.

Essa forma de ver Parâmetros associados a Princípios começa a ter problemas quando o que se postula como “Princípio” não encontra a mesma ressonância nas línguas, isto é, algumas línguas podem violá-lo. Começou-se, então, a falar em violação de Princípios ou em Princípios parametrizáveis, o que é incongruente com a própria noção de Princípio, como observa Bickerton (1989).

O primeiro desses casos é o Princípio da Adjacência, postulado por Stowell (1981), segundo o qual *Kaso* deve ser conferido por adjacência entre o núcleo conferidor do *Kaso* e seu receptor. Conquanto esse Princípio seja rigidamente respeitado por uma língua como o inglês, o mesmo não acontece com o francês, por exemplo, língua que permite que o verbo e o objeto direto sejam interrompidos por um advérbio:

- (4) a. ...reads Chomsky / * reads always Chomsky
 b. ... under the bed/ *under always the bed
- (5) a. ...lit toujours Chomsky
 b. ...sous le lit/ *sous toujours le lit

Essa diferença de comportamento deverá ser posteriormente analisada como um Parâmetro de variação que envolve o movimento do verbo (v. Pollock abaixo), deixando intacto o conceito de Princípio, como algo inviolável.

Outro Princípio que se procurou parametrizar foi o EPP (Extended Projection Principle), segundo o qual todo predicado deve ter um sujeito, Princípio que explicaria a existência de sujeitos expletivos como *there* e *it* no inglês. Ora, as línguas que permitem sujeito oculto, como a maioria das línguas românicas, seriam um caso de violação do EPP, ou de sua parametrização, já que não parecem exigir a projeção da posição de sujeito. Uma saída encontrada foi a postulação de um pronome sujeito nulo (*pro*),

⁴ Como se sabe, as línguas nominativas marcam de forma idêntica o sujeito do verbo transitivo e do intransitivo (com o nominativo) e o objeto de forma diferenciada (com o acusativo). As línguas ergativas prototípicas usam o mesmo caso para o objeto do verbo transitivo e o sujeito do intransitivo (caso absolutivo), diferenciando-os do caso do sujeito do verbo transitivo (caso ergativo).

identificável pela concordância no verbo. O EPP seria inviolável, mas o preenchimento do sujeito poderia ser feito por um pronome vazio. Tal entidade foi ainda proposta para o objeto quando este pode ser nulo e apresenta as propriedades de um pronome, caso do Português do Brasil (PB). Mais adiante o sujeito e o objeto nulos serão vistos com mais detalhes.

O Princípio da Ligação, que procura explicar a complementaridade de distribuição entre um reflexivo (anáfora)⁵ e um pronome, também sofreu um abalo em sua postulação de propriedade invariante quando se procurou verificá-lo em línguas orientais. Línguas como o japonês e o chinês podem ter seu reflexivo no domínio em que o inglês permite ligar o pronome:

- (6) a. John_i loves himself_i/*him_i.
 b. John_i said that Sue loves him_i/*himself_i. (ok *jibun* reflexivo do japonês)

Também o Princípio da Subjacência, segundo o qual um constituinte não se pode mover por mais de dois nódulos limítrofes (sentença ou sintagma nominal), apresentou variação em relação à categoria sentencial (CP ou IP).

- (7) a. Tuo fratello, [a cui_i mi domando [_{CP} che storie_j abbiamo raccontato t_i t_j], era molto preoccupato.
 b. * Your brother, who_i [_{IP} I wonder which stories [_{IP} they've been telling t_j, was very worried.

Passa-se, nesses casos, a se falar em parametrização de domínios (Johnson, 1984, para o domínio da Ligação e Rizzi, 1982, para o da Subjacência).

4. Parâmetros associados ao léxico

4.1. As primeiras propostas

Os primeiros trabalhos que procuram dissociar Parâmetros de Princípios são o de Wexler e Manzini (1987) e o de Sportiche (1986), ambos

⁵ Chomsky ignora o conceito já assentado de anáfora, como o usado por Halliday e Hasan (1976) restringindo-o especificamente para os reflexivos e recíprocos.

lidando com o problema de línguas com anáfora a longa distância, como o caso do japonês.

O trabalho de Sportiche (1986) analisa os casos de anáfora à distância como sendo um caso de “pronome preso”. Na teoria da Ligação, embora o pronome seja postulado como sendo livre em seu domínio clausal, ele pode estar ligado a um antecedente em um domínio sentencial maior, como se vê nos exemplos abaixo:

- (8) a. O Pedro_j acha que Maria não gosta dele_{j/i}.
 b. O Pedro_j, Maria não fala com ele_{j/*i} desde ontem.
 c. [Nenhum menino]_j acha que os pais não gostam dele_{j/i}.

Para Sportiche, o inglês, e podemos acrescentar o português, codifica o pronome preso e o livre com um mesmo item lexical, enquanto o japonês codifica o reflexivo e o pronome preso como um item único, deixando o pronome *ka-re* para o pronome referencial/ dêitico. Sua hipótese é interessante para uma hipótese da lexicalização dos conceitos uma vez que ela prevê que não há biunivocidade entre conceito e forma, podendo haver itens bi-valentes ou ambíguos. Assim, parece não haver exemplos de línguas que codificam o reflexivo, o pronome preso e o pronome livre em três itens lexicais distintos. Sua teoria também exclui línguas que codificam reflexivos e pronomes livres como um item e pronomes presos como outro item. Sua proposta é que a lexicalização pode se dar pegando horizontalmente ou verticalmente duas células. O que não pode ocorrer é a lexicalização diagonal das células.

(9)

| | c- command required | C-COMMAND not required |
|----------------------------|--------------------------|---------------------------|
| Locality condition | Anaphors | |
| Antilocality Conditions | pronouns as variables | Referential Pronouns |

(Sportiche, 1986: 370)

O trabalho de Wexler e Manzini (1987) levantam a questão do ponto de vista da aquisição. Como a criança sabe se um elemento fórico é um reflexivo do tipo do inglês ou um reflexivo/pronome preso como no japonês? A resposta dos autores ficou conhecida como a “Teoria do Subconjunto” na aquisição. Segundo esta, a criança sempre parte da hipótese nula de que todo elemento fórico é localmente preso. Quando o encontra em domínios maiores, a criança reassenta seu “Parâmetro” inicial, marcado [+local], para [-local]. Note-se que a opção [+] ou [-] aparece nos itens lexicais aprendidos e não como parte de Princípios gramaticais. A vantagem desta proposta é que a criança nunca erra e que somente dados positivos atuam na sua aquisição.

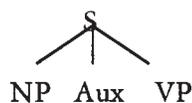
4.2. *Parâmetros como propriedades de categorias funcionais*

O conceito de Parâmetro foi introduzido para responder ao problema lógico da aquisição, mas considerar que a variação entre as línguas é uma função do léxico nos leva à estaca inicial, pois as línguas, nesse caso, poderiam variar de forma infinita e as crianças não teriam um espaço finito para definirem sua gramática. Estudos matemáticos têm mostrado que os Parâmetros têm que ser em número bastante pequeno, do contrário a criança levaria a vida inteira aprendendo a sua língua (Cf Clark & Roberts, 1992; Gibson e Wexler, 1994). A proposta que vem a seguir é que a variação está limitada ao léxico funcional da língua, isto é, aos núcleos funcionais.

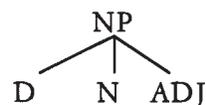
Essa proposta começa depois que a teoria sintática passa a desenvolver as categorias funcionais como núcleos de projeções X-barra. Assim, de um modelo lexical como (10)a e b, passamos a ter (11)a e b, nos quais o esqueleto funcional c-comanda o esqueleto lexical e a ramificação é sempre binária:

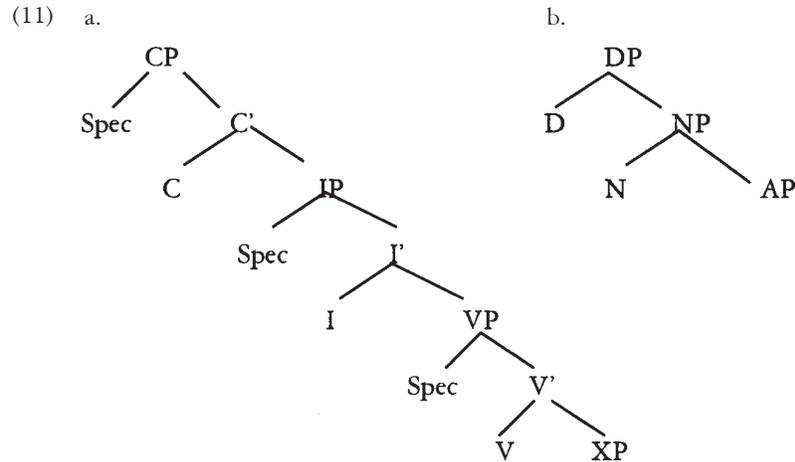
(10)

a.



b.





As categorias lexicais mais bem aceitas são: I(nflection), C(omplementizer) e D(eterminer). Outros propõem categorias adicionais como Asp(ect), Agr(eement), Neg(ation) etc. Em (11)a. o domínio de VP é o das atribuições de papel temático, o de IP é o da atribuição de kaso⁶ e da relação de concordância verbal e o de CP é onde se dão as relações mais vinculadas ao discurso⁷. C e I são categorias que podem ou não atrair o verbo para elas e Spec de C e de I são lugares de pouso para sintagmas.⁸

Como sabemos, as categorias funcionais incluem as categorias flexionais. A primeira a propor que Parâmetros são uma função da morfologia flexional foi Borer (1984), trabalhando com o hebraico e línguas românicas. Sua proposta é cada vez mais assumida pela teoria como se verá abaixo.

Voltemos aqui ao Princípio da Adjacência de Stowell, que, como vimos, tem mais a característica de um Parâmetro. A partir de uma visão morfológica o fenômeno da adjacência começa a ter uma outra explicação.

⁶ No modelo da GB o caso acusativo se conferia por regência do verbo e o nominativo, por concordância. Hoje se unifica o tratamento para a relação entre Spec e seu núcleo, o que exige uma projeção adicional para cujo Spec o objeto sobe.

⁷ Note-se que nessa representação o Spec de cada nível codifica funções diferentes associadas ao sujeito na gramática tradicional. Assim, em VP, o Spec pode ser o Agente se o verbo é transitivo; em IP, o Spec é nominativo e concorda com o I; em CP, o Spec tem funções semântico-discursivas. Assim, em muitas línguas o elemento-wh, que é um quantificador, sobe para essa posição interpretada como a de foco sentencial. Em outras línguas, o núcleo é sincrético, permitindo tanto foco quanto tópico (por exemplo, línguas V2)..

⁸ As outras categorias lexicais N, A e P também determinam estruturas temáticas.

Para explicar que línguas como o Francês permitem a intromissão do advérbio entre o verbo e o seu objeto e línguas como o inglês permitem essa mesma intromissão entre o elemento flexionado com concordância e o sujeito, Pollock (1989) dá uma versão em que tal fenômeno é derivado do Parâmetro [\pm movimento de V para I]. O advérbio aparece fixo em adjunção ao VP e o verbo pode ou não subir para o núcleo flexional I(nflection), o antigo nóculo AUX. No inglês o verbo não sobe dada sua morfologia fraca, incapaz de atrair o verbo, enquanto no Francês o verbo sobe quando o Tempo é finito⁹. Nas antigas formulações a flexão do inglês descia na fonologia. As categorias funcionais passaram a ter assim um papel fundamental nos processos gramaticais e na variação lingüística¹⁰.

- (12) a. John [_I pres+3S] [always [_{VP} speak Portuguese]
 b. John t_I always [_{VP} speak + pres+3S Portuguese.
 c. John always speaks Portuguese.
- (13) a. Jean [_I pres+3S] [_{VP} toujours [_{VP} parler Portugais]
 b. Jean [_I parler_v + pres+3S] [_{VP} toujours [_{VP} t_v Portugais]
 c. Jean parle toujours Portugais.
- (14) a. PRO [_I infinitivo [_{VP} toujours [_{VP} parler Portugais]
 b. PRO toujours parler Portugais

Note-se que a propriedade que faz as línguas variarem não envolve apenas a existência substantiva ou não de morfema de concordância, mas uma propriedade mais abstrata da flexão do verbo na estrutura. Com a visão Minimalista essa dicotomia entre propriedades substantivas e propriedades formais fica mais explícita. Em lugar do morfema de flexão aparecer inserido em I, este teria apenas os traços desses morfemas. O morfema flexional propriamente dito aparece já no verbo. Este sobe carregando também os traços do morfema flexional e se adjunge ao I para checar esses traços. Essa formulação é mais interessante, na opinião de Sportiche (1995), pois nem toda língua apresenta um sistema flexional com os morfemas claramente segmentáveis e visíveis.

⁹ Belletti (1990) mostra que no italiano o núcleo infinitivo também atrai o V.

¹⁰ Para indicar pessoa e número, estaremos usando número para pessoa (1,2,3) e S e P para singular e plural.

Nessa formulação, os argumentos nascem todos dentro do VP e o argumento externo do V sobe para Spec de I se este tiver capacidade N-atratora. O movimento é motivado para fins de checagem dos traços. As línguas VSO não teriam em I o traço que engendra o movimento do argumento externo para a posição de sujeito. Na velha formulação, falava-se em nominativo por regência para sujeitos pospostos. Essa formulação foi abandonada por Chomsky no modelo Minimalista e a checagem de kaso passa a se dar sempre por uma relação de Spec-núcleo. As línguas VSO teriam que, nessa formulação, ter a subida normal do sujeito e um movimento adicional do V para C. Outra possibilidade é ter movimento encoberto do argumento externo, cuja formulação veremos mais adiante.

A categoria C foi inicialmente introduzida para abrigar conjunções e elementos interrogativos-Q em seu Spec.

- (15) a. ... $[_{CP}$ que $[_{IP}$ Pedro viu Maria]
 b. ... $[_{CP}$ quem_i [Pedro viu t_i]

C é também o lugar de pouso do verbo ou do auxiliar, que de I pode se mover para C, em um movimento núcleo a núcleo. Isso ocorre se a língua tiver traços atratores fortes para fazer a flexão subir. Como é o verbo que carrega a flexão, o movimento visível é do verbo. O alemão e outras línguas germânicas são desse tipo. Além de puxar o verbo para C, este tem também traços para atrair XPs para o seu Spec, exibindo, com isso, o chamado fenômeno V2. Fenômeno similar se encontra em outras línguas mas somente quando a sentença é interrogativa. Assim, no inglês, um C com traço [+interrogativo] atrai a flexão. O que resulta é a subida de auxiliares e modais para C, mas não do verbo, pois este não sobe para I. O C contém ainda traços-wh, o que leva os pronomes interrogativos-wh a subirem para o Spec de C:

- (16) $[_{CP}$ Who_{wh} $[_{C}$ ' has_i $[_{IP}$ John_s t_i $[_{VP}$ t_s invited t_{wh}]]]]

A diferença do inglês com o alemão é que neste a ordem básica é SOV e as ordens SVO, OVS e PPVS são derivadas pelo movimento do V para C e do XP, que pode ser o sujeito, para Spec de C. Antes de subir para C, o verbo sobe para I, que se encontra à direita, uma vez que o alemão é língua núcleo-final.

- (17) a. $\{_{VP} S O V\}$
 b. $\{_{IP} S \{[t_s O t_v] V+I\}\}$
 c. $\{_{CP} S_s \{_{C'} V+I \{_{IP} \{_{VP} t_s O t_v \} t_v\}\}\}$
 c'. $\{_{CP} O_o \{_{C'} V+I \{_{IP} \{_{VP} S t_o t_v \} t_v\}\}\}$

Como nas orações subordinadas o C é ocupado por uma conjunção, não há possibilidade de subida do V+I e conseqüentemente de qualquer sintagma para a posição de seu Spec. A ordem nas subordinadas é, portanto, SOV:

- (18) a. $\{_{CP} \text{dass} \{_{IP} S_s \{_{VP} t_s O t_v \} V+I \}\}$

O Português Europeu (PE) e o espanhol exibem características parecidas com as línguas germânicas¹¹:

- (19) a. $\{_{CP} \text{Que} \{_{C'} \text{comeu}_v \{_{IP} \text{a Maria}_s t_v \{_{VP} t_s t_v t_{wh} \}\}\}\}$
 b. $\{_{CP} \text{Muitos chocolates}_o \{_{C'} \text{comeu}_v \{_{IP} \text{a Maria}_s t_v \{_{VP} t_s t_v t_o \}\}\}\}$
 (20) a. $\{_{CP} \text{Quem}_{wh} \{_{C'} \text{comeu}_v \{_{IP} t_{wh} t_v \{_{VP} t_{wh} t_v \text{os chocolates}\}\}\}\}$
 (21) b. $\{_{CP} \text{Os chocolates}_o \{_{C'} \text{comeu}_v \{_{IP} \text{a Maria}_s t_v \{_{VP} t_s t_v t_o \}\}\}\}$

Mas o fato de não haver assimetria entre oração raiz e subordinada faz presumir uma outra projeção intermediária entre CP e IP (Raposo, 1994; Martins, 1996; Uriagereka, 1995) que podemos denominar ΣP , seguindo Martins (1996), cujo núcleo é sincrético, podendo checar tanto um constituinte tópico quanto foco.

- (22) $\dots \{_{CP} \text{que} \{_{\Sigma P} \text{muitos chocolates}_o \{_{\Sigma} \text{comeu}_v \{_{IP} \text{a Maria}_s t_v \{_{VP} t_s t_v t_o \}\}\}\}\}$

4.3. *Parâmetro e níveis de representação*

Uma variação intrigante encontrada nas línguas é o movimento obrigatório/opcional do pronome interrogativo-Q. Para dar conta do motivo

¹¹ Não há uniformidade de tratamento quanto à projeção em que tal sujeito se encontra em fenômenos desse tipo no PE. Estou supondo, para fins deste artigo, que o movimento é para uma projeção superior a IP.

deste movimento, Rizzi (1991) postula o *critério-Q* (“wh-criterion”), segundo o qual, em Forma Lógica (FL), um núcleo *wh* deve estar em relação Spec-núcleo com um elemento-Q. Para Rizzi, o verbo carrega o traço *wh* nas línguas em que o verbo sobe para C. O pronome interrogativo-Q sobe para o Spec de C para obedecer ao *critério-Q*¹². Em línguas em que o verbo não tem a propriedade *wh e, portanto, não* sobe para C, um morfema abstrato *wh* é inserido em C.

Mas esta não é a única variação encontrada em construções-wh. Comparando línguas que têm movimento-wh e línguas que exibem *wh-in-situ*, como o japonês e o chinês, Lasnik & Saito (1992) propõem movimento em sintaxe vs movimento encoberto em Forma Lógica (FL). No primeiro caso o elemento-wh aparece visível em CP e no segundo aparece em sua posição dentro do IP ou VP. Uma versão mais recente desse fenômeno é dada em Watanabe (1992) e Aoun e Li (1993), que examinam o japonês e o chinês. Para esses autores, os elementos-wh são analisáveis em um componente abstrato semântico com natureza de operador e a matriz fonológica permanece *in-situ*. O que difere entre o japonês e o inglês, por exemplo, é que no inglês há *pied-piping*¹³ da matriz fonológica junto com o componente abstrato de operador-wh. O movimento encoberto nada mais é do que ausência de *pied-piping* do material fonológico.

Nada impede, portanto, de tratar ausência de movimento, em geral, como casos de movimento encoberto, isto é, como ausência de *pied-piping*. No caso da ausência de subida de verbo do inglês, por exemplo, o que ocorre é que a categoria [+V] e outras propriedades formais sobem para I, mas a matriz fonológica do verbo permanece *in-situ*.

Em todos esses casos, a subida do elemento se explica por alguma necessidade desse elemento e não para benefício da categoria de pouso. Esse Princípio é o que Chomsky (1993) chamou de *avareza* (“greed”).

Veremos agora um tipo de movimento, proposto por Zubizarreta (1998), que não respeita tal Princípio. As línguas românicas de sujeito nulo têm um tipo de inversão, conhecido como *inversão livre* ou *inversão românica*, cujo efeito é a focalização do sujeito, postulado como externo

¹² Essa é uma condição que não se limita a construções-wh. Para Sportiche (1995) ele é apenas uma manifestação de um *critério geral de licenciamento*.

¹³ Literalmente “*pied-piping*” seria *arrastamento* em português.

a IP, quando a ordem é SVO. Exemplifiquemos com o Português Europeu (PE):

- (23) a. $[\Sigma_p \text{ a Maria } [_{IP} \text{ comeu os chocolates }]]$
 b. $[\Sigma_p [_{IP} \text{ comeu os chocolates } [\Sigma_p \text{ a MARIA } [_{IP} \text{ t}_{IP}]]]]]$

Para Zubizarreta, o inglês e o francês permitem foco *in-situ*, de tal sorte que o sujeito pode ser focalizado sem mudar a ordem sentencial. As línguas como o italiano, e acrescentamos aqui o PE, só podem focalizar o sujeito através da inversão. Isso, porque, o acento nuclear cai necessariamente no elemento mais à direita, isto é, no mais profundamente encaixado. No inglês e no francês, os elementos pressupostos são invisíveis para a regra do acento nuclear enquanto no italiano todos os segmentos são visíveis para essa regra prosódica (o uso de maiúsculas indica acento nuclear).

(24) Quem ama a Maria?

- (25) a. JOHN loves Mary.
 +F -F
 b. JEAN aime Marie.
 +F -F
 c. Ama Maria o JOÃO.
 -F +F

Como o movimento de inversão não é para fins de checagem de traços em relação de Spec-núcleo, ele pode infringir *greed*. A variação encontrada, nesse caso, está no nível de interface entre a sintaxe e a fonologia.

Outro fenômeno de interface entre sintaxe e fonologia é o padrão de sentenças interrogativas sim/não, que em muitas línguas manifesta, na sintaxe, movimento do I para a posição de C, como é o caso do inglês:

- (26) a. Have you seen John?
 b. $[_{CP} \text{ have}_i [_{IP} \text{ you}_j \text{ t}_i \text{ t}_j \text{ seen John}]]]$

No japonês, a pergunta vem sempre com um complementizador morfológico *-ka* ou *-no* no final da sentença.

- (27) Jun-wa iku-*no*? / Jun-wa iki-massu-*ka*?
 Jun-top vai- Q Jun-top ir-Aux – Q

Duas são as formas possíveis de representar essas sentenças:

- a) no japonês, língua de núcleo-final, o C está à direita de IP

- (27)' [_{CP} [_{IP} Jun-wa iku] -*no*]¹⁴

- b) todas as línguas são de núcleo inicial e quando, em alguma língua, o núcleo aparece no fim, tal ordem resulta de movimento (cf Kayne, 1994).

- (27)'' [_{CP} -*no* [_{IP} Jun-wa iku]] P [_{CP} [_{IP} Jun-wa iku]_i -*no* [_{IP} t_i]]

Sportiche (1995) propõe análise semelhante para as línguas em que a interrogação *sim/não* se manifesta apenas pela prosódia. Ao invés de dizer que a interrogativa se interpreta na prosódia, ele prefere dizer que a prosódia interpreta a estrutura sintática. Assim, suponhamos que no português (tanto PE quanto PB) o complementizador é um morfema abstrato [+Q]. Para o autor, se IP se move pra Spec de C, como no japonês, a estrutura resultante é interpretada pela prosódia como tendo curva ascendente. Note-se que, no inglês, não encontramos a curva ascendente como no japonês e no português.

- (28) a. O João vai?
 b. [_{CP} +Q [_{IP} o João vai]] ⇒ [_{CP} [_{IP} o João vai]_i +Q [_{IP} t_i]] ⇒ ➔ ↗

Embora as formulações dos três fenômenos sejam diferentes, o que há de comum é que as três abordagens mostram que a variação encontrada nas línguas envolve a fonologia: o primeiro através da ausência do *pied-piping* da matriz fonética, o segundo, pelo movimento ser necessário na atribuição do acento nuclear a um determinado constituinte e o terceiro, pela prosódia ascendente ser a interpretação de Comp no fim da sentença.

¹⁴ A representação com *-ka* seria a mesma. Estou aqui ignorando a partícula *-wa*, que pode envolver um movimento extra do DP que ela acompanha.

Podemos, nesse sentido, dizer que a variação nas línguas se deve em grande parte à componentes fonológicos.

Propostas ligadas ao que foi discutido nessa seção têm a ver com a maior ou menor transparência das línguas para funções discursivas como tópico e foco. O trabalho de Zubizarreta mostra que a função de foco pode ser codificada de duas maneiras diferentes: a) através do acento nuclear *in-situ*, como no inglês e no francês, ou através de um movimento do predicado (TP) para uma posição de adjunção acima do sujeito a fim de permitir que o acento nuclear que marca o foco fique na posição sintática mais encaixada, ou linearmente mais à direita. Os trabalhos apresentados no livro de Kiss (1995) discutem a forma como as línguas codificam as funções discursivas de tópico e foco, justificando muitas vezes a postulação de projeções específicas para dar conta da ordem ou ainda para localizar morfemas-núcleos marcadores de tais funções. Esses estudos culminam com um trabalho de Rizzi (1995) que propõe um CP cindido com várias sub-projeções e outros que procuram desenvolver trabalhos do que ocorre na periferia à esquerda nas línguas. Em uma outra linha teórica, a Teoria da Optimalidade, esse tipo de variação é tratado como uma ordenação de princípios violáveis. Assim, Grimshaw and Samek-Lodovici (1996) propõe que as línguas podem privilegiar o EPP (Extended Projection Principle) ou o Princípio da Posição do Foco (Align Focus Principle) que postula ser o foco não marcado da sentença o elemento recursivamente mais à direita. O inglês, que sempre exige o sujeito pré-verbal, privilegia o EPP e o italiano, que pode focalizar o sujeito no final da sentença, o segundo.

5. Parâmetros como conjunto de propriedades

Os estudos sobre Parâmetros que partiram de fenômenos empíricos de variação têm sua trajetória marcada pela preocupação de procurar correlações entre propriedades. Poderíamos dizer que tais estudos buscam não Parâmetros associados a Princípios, mas “princípios” associados a Parâmetros. Assim, uma propriedade singular de uma língua não constitui um Parâmetro, mas sim a manifestação substantiva de alguma propriedade formal abstrata da qual decorrem outras propriedades substantivas na língua. Esses “princípios” são similares aos universais de variação perseguidos desde Greenberg.

5.1. *Línguas não-configuracionais*

Um dos primeiros Parâmetros propostos foi o da configuracionalidade/não-configuracionalidade das línguas. Hale (1983) mostra que a língua walpiri apresenta o seguinte conjunto de propriedades:

- ordem livre dos argumentos
- ordem fixa do auxiliar ou do verbo
- constituintes descontínuos
- anáfora zero

As línguas não-configuracionais se caracterizariam por não obedecer ao esquema da X-barra, apresentando uma estrutura chata não hierárquica. Em particular essas línguas não apresentariam VP. Farmer (1983) analisa o japonês dessa maneira.

Saito (1985) mostra, contudo, que, no japonês, os fenômenos de Ligação são restritos pela relação de c-comando, o que mostra que a ordem livre e outras características não derivam de uma falta de estrutura hierárquica. Podemos dizer também que a posição fixa do auxiliar, no walpiri, mostra antes uma estrutura próxima das línguas germânicas, com movimento do Auxiliar para C. Uma outra teoria sobre o japonês é a de Fukui (1986/1995), para quem os fenômenos do japonês se explicam pela ausência de categorias funcionais, uma teoria extremamente radical que vai contra a tese da universalidade da gramática e da mente.

Para línguas não-configuracionais com profusão de clíticos, as teorias mais interessantes são a de Jelinek (1985) e a de Baker (1988), para quem há línguas que atribuem papel- θ e kaso apenas a pronomes (clíticos, pronomes e categorias vazias). Os sintagmas nominais apareceriam em adjunção à sentença. Constituiriam, assim, casos extremos de uso de deslocamento com clítico ou de redobramento de clítico, que em línguas como o espanhol constituem opções para a posição de sintagmas plenos. Imagine-se uma língua em que os sintagmas nominais só podem ocupar posições à margem como nos exemplos de deslocamento de clítico e redobramento de clítico do espanhol.

- (29) a. A Maria le regaló su abuelo un caballo de pura raza.
(ex. de Zubizarreta, 1998)
- b. Lo vi a Juan.

A liberdade dos sintagmas se deveria à liberdade da posição de adjunção.

Quanto a constituintes descontínuos, os exemplos do walpiri são de determinantes longe do nominal. Kato e Nascimento (1995) associam esse fenômeno à flutuação de quantificadores. Os demonstrativos, por exemplo, poderiam flutuar nessas línguas como os quantificadores. No português, temos o seguinte contraste:

- (30) a. (Todos) os meninos (todos) tinham (todos) vindo (todos) à festa.
 b. (Cinco) dos meninos (cinco) tinham (cinco) vindo (cinco) à festa.
 c. (Estes) meninos (*estes) tinham (?estes) vindo (?estes) à festa.

Imagine-se um comportamento uniforme também para o demonstrativo e outros determinantes e teremos a descontinuidade desejada do walpiri.

No japonês a descontinuidade é obrigatória, isto é, os quantificadores e os numerais não podem subir junto com o nominal, permanecendo sempre mais abaixo. Em lugar de uma forma como (31)a temos a forma (31)b:

- (31) a. Cinco meninos vieram.
 b. Meninos, cinco vieram.

A presença de anáfora zero não é só característica de línguas de ordem livre como o walpiri e o japonês. A anáfora zero do sujeito é objeto de estudos de línguas consideradas configuracionais, como as línguas românicas, constituindo o que se convencionou chamar Parâmetro “pro-drop”, ou Parâmetro do “sujeito nulo”. A anáfora nula do objeto é proposta como categoria vazia de línguas como o chinês e o japonês, também consideradas línguas de proeminência de tópico¹⁵. Essas línguas, além de permitirem a anáfora nula do objeto, licenciam também sujeitos nulos, embora sua identificação seja sempre por antecedência e nunca por flexão de concordância, como é o caso das línguas românicas.

¹⁵ Veja a análise de Pontes (1987) do PB como língua de proeminência de tópico, um dos trabalhos pioneiros sobre a tipologia do PB.

5.2. Línguas de *sujeito nulo*

Um dos Parâmetros mais estudados na literatura gerativista é o chamado “Parâmetro *pro-drop*” (Chomsky, 1981:240). O conjunto de propriedades relacionadas são:

- a) sujeito nulo
- b) inversão livre
- c) extração do sujeito à distância
- d) resumptivo nulo do sujeito
- e) ausência de efeito * that-t

- (32) a. Ho trovato il libro.
 b. Há mangiato Giovanni.
 c. L'uomo [che mi domando [chi abbia visto]]
 d. Ecco la ragazza [che mi domando [chi crede [che possa VP]]]
 e. Chi credi [che partira]?

Dentro, porém, do leque de línguas que exibem sujeito nulo, poucos estudos se preocupam em verificar todas essas propriedades. Rizzi (1982) dá uma explicação interessante para a correlação entre sujeito nulo, inversão e extração. Sua tese é de que o sujeito nulo é posposto ao verbo e que a extração do sujeito se faz da posição posposta. Sendo regido pelo verbo nessa posição, o vazio que se cria não representa uma violação do Princípio da Categoria Vazia (ECP= empty category principle). Isso não explica, contudo, o caso do Português Brasileiro (PB), que perdeu o sujeito nulo referencial, a inversão com verbos de mais de dois argumentos e o sujeito vazio nas subordinadas de tipo em (32)(c) e (d); no entanto, a construção correspondente pelo menos a (32)(e) é ainda perfeita:

- (33) Quem_i você acredita que _____i vai partir na hora?

O PB tem sido mostrado como uma língua *pro-drop* parcial, licenciando sujeitos nulos de terceira pessoa, mas não os de primeira e segunda (Duarte, 1993, 1995; Kato, 1999). São várias as interpretações desse fenômeno, mas confrontando a variação encontrada entre as línguas de sujeito nulo, como, por exemplo, o estudo de Sigurðsson (1993) sobre o islandês, podemos afirmar que o Parâmetro *pro-drop* não é um fenômeno

uniforme, requerendo possíveis subparametrizações. Esse autor encontra pelo menos 5 tipos de sujeitos:

- a) sujeitos nulos não argumentais, ou expletivos (por exemplo, o alemão e o PB);
- b) poda de tópico (topic-drop), que permite nulos de primeira e segunda pessoas em início de período (ex: inglês e línguas germânicas);
- c) sujeitos nulos “controlados” por um antecedente em posição de c-comando (chinês, terceira pessoa do hebraico);
- d) sujeitos nulos que permitem antecedente em posição de c-comando ou não¹⁶ (islandês antigo);
- e) sujeitos nulos identificados por concordância (italiano, espanhol).

Considerando que a variação nas línguas está associada a itens funcionais/gramaticais, podemos traduzir a classificação do autor da seguinte forma:

- a) a possibilidade do nulo não argumental tem a ver com a existência de um pronome neutro nulo do tipo *it* do inglês¹⁷;
- b) a possibilidade de nulos de primeira pessoa e segunda tem a ver com pessoas dêiticas;
- c) os nulos “controlados”, por exigirem c-comando do antecedente, sugerem um fenômeno de Ligação: os pronomes seriam variáveis ou pronomes presos¹⁸;
- d) os nulos genuínos podem ser uma mistura de dois processos: “controle” e elipse, este um fenômeno que ocorre em contexto de não-c-comando¹⁹;
- e) finalmente, os nulos identificados por concordância teriam no próprio afixo o elemento pronominal em uma relação do tipo das línguas pronominais, como é sugerido em Kato (1999).

¹⁶ Sigurðsson chama a este tipo de “genuíno”.

¹⁷ Kato (1999) propõe que o PB tem um pronome neutro nulo, o que permite que as construções impessoais permaneçam com sujeito nulo.

¹⁸ V. Negrão & Müller (1996).

¹⁹ O sujeito nulo em coordenadas, de ocorrência generalizada nas línguas, seria um tipo de elipse. Mas no caso do sujeito nulo genuíno, o nulo pode ocorrer também em contextos assindéticos, em orações raízes com antecedente em adjuntos prepostos etc.

5.3. *Línguas de objeto nulo*

O objeto nulo, inicialmente discutido no chinês por Huang (1984), apresenta as seguintes propriedades correlatas:

- a) objeto nulo
- b) sujeito nulo
- c) proeminência de tópico e possibilidade de tópico nulo

O objeto nulo no chinês apresenta, segundo o autor, uma assimetria em relação ao sujeito, por não poder ser ligado à uma posição A (sujeito ou objeto). Essa colocação é, contudo, contestada por Zhang (1988), para quem essa ligação é possível. No PB essa possibilidade é dependente do tipo de verbo, como se vê abaixo:

- (34) a. *Pedro_i disse ao João_j que Maria viu ____{i/j}.
 b. Pedro disse a Maria_i que ele pode ajudar ____i.

Kato (1993) explica a possibilidade do objeto nulo em (34)b, independentemente de um tópico do discurso, atribuindo uma interpretação arbitrária a essa categoria. Nesse sentido ele se assemelha ao objeto nulo do italiano, estudado por Rizzi (1986) em sentenças como (35):

- (35) Questo conduce (la gente) alla seguente conclusione.
 isto leva (as pessoas) à seguinte conclusão

O argumento empírico usado nesse trabalho é que mesmo línguas que não admitem objeto nulo em contexto de tópico nulo, permitem uma categoria vazia com esse tipo de verbo, que Kato analisou como verbos benefactivos.

- (36) John told Susan that he can help ___.

Huang observa que um pronome objeto visível no lugar do objeto pode estar ligado a um sujeito *Pedro*, enquanto o objeto nulo só pode ser ligado a uma posição A'. Huang atribuiu a este o valor de variável.

- (37) a. O Pedro_i disse que a Maria viu *ele*_j.
 b. *O Pedro_i disse que a Maria viu _____j.
 c. O João_j, o Pedro disse que a Maria viu _____j.
 d. O Pedro_j, a Maria disse que pode ajudar _____j.

Todavia, a ligação do objeto com um sujeito c-comandante é possível com qualquer verbo se ambos estiverem ligados a um tópico do discurso como mostrado por Huang para o chinês, e por Galves (1984) para o PB:

- (38) Todo mundo insiste que Maria beijou o João_i depois do baile, mas ele_i insiste que ninguém beijou _____i.

Outro lingüista a tratar do “Parâmetro do objeto nulo” foi Raposo (1986), trabalhando com o Português Europeu (PE). O autor mostra que o objeto nulo no PE é também uma variável, vestígio de movimento-A’, já que ele nunca ocorre em ilhas sintáticas:

- (39) a. A Maria viu ____ na TV ontem.
 b. *O rapaz que trouxe ____ agora mesmo da pastelaria era o teu afilhado.
 c. *Eu informei à polícia da possibilidade de o Manuel ter guardado ____ cuidadosamente no cofre.
 d. *Que a IBM venda ____ a particulares surpreende-me.
 e. *Quando é que o Manuel vai oferecer ____ ao Antonio ?

Estudando o PB, Galves (1984, 1989)²⁰ mostra que o objeto nulo, em nossa língua, tem a natureza de um pronome, podendo ocorrer em ilhas sintáticas. Assim, as sentenças agramaticais no PE são perfeitamente legítimas no PB. Kato atribui o valor de clítico nulo a esse objeto, proposta corroborada pelo estudo diacrônico de Cyrino (1994), que mostra que o objeto nulo passa a aparecer com o desaparecimento do clítico de terceira pessoa. Mas o que esses trabalhos não explicam é por que, se é um pronome, ele não pode se ligar a uma posição argumental.

Kato (1993) alega que o motivo está no fato de o PB ter também o objeto nulo variável, o qual está em distribuição complementar com o clítico nulo: o primeiro ocorre em contexto de c-comando do antecedente e o segundo em posição de não-c-comando. Considera também a possibi-

²⁰ Veja também Farrell (1990).

lidade de se unificar o objeto nulo do PB com o fenômeno de elipse de VP, o qual exige não-c-comando.

Voltando à tipologia de sujeitos nulos, verificamos semelhanças na distribuição de categorias vazias. O sujeito nulo do tipo chinês tem sempre um antecedente em c-comando, o mesmo ocorrendo com o objeto nulo. Já o sujeito nulo do islandês antigo podia ter antecedente em posição de não-c-comando, caso que analisamos como sendo um fenômeno de elipse de sujeito, da mesma maneira que o objeto nulo do PB pode ser analisado como elipse de VP.

Uma língua pode ter mais de um tipo de categoria vazia, seja sujeito ou objeto, mas quais as combinações possíveis é um outro mistério.

Conclusões

Os estudos revistos nesse pequeno trabalho mostram que a variação lingüística parece ser efetivamente uma função do léxico funcional: a) de seus traços abstratos que levam ou não a deslocamentos de constituintes e b) da forma substantiva dos formativos gramaticais. O mistério do número de Parâmetros se resolve pela limitação das categorias funcionais e pela variação binária nelas encontrada.

O desenvolvimento de uma teoria sobre categorias funcionais propiciou também os avanços nos estudos de aquisição, ou desenvolvimento, da sintaxe. Para Lebeaux (1988), não apenas a limitação dos Parâmetros, mas também a posição das categorias funcionais podem ser a base para uma hipótese de aquisição na qual a criança começa a marcar os Parâmetros de baixo para cima na estrutura. Essa teoria, que se convencionou chamar a Hipótese da Construção da Estrutura teve muitos adeptos, mas também conflita com a tese da competência plena, ou instantânea de outros autores. Para uma discussão dessas teorias leia-se Kato (1995a, 1995b e Kato, 1996) e Lopes (em prep).

Poderíamos nos perguntar neste momento em que a teoria de parâmetros difere da visão clássica de tipologia lingüística, de que falamos no início do nosso trabalho. A variação trans-lingüística foi sempre uma preocupação no estudo das línguas naturais e, nos estruturalistas, traduziu-se como o estudo dos universais de variação. Procurava-se aquilo que

Sapir chamava de “gênio estrutural” ou “plano básico” e que Baker (1996) chama hoje de “macro-parâmetro”. A concepção de “parâmetro” na teoria de Princípios e Parâmetros parecia ter, inicialmente, essa preocupação de definir um tipo de língua, através do conjunto de propriedades correlatas, mas, com a guinada conceitual de atribuir a variação lingüística a propriedades das categorias funcionais, parâmetros parecem se definir cada vez mais como construções específicas e não como “macro-parâmetros”. Baker (1996) acredita, contudo, nessa visão macro-paramétrica, a partir do seu estudo de línguas polissintéticas, ou as chamadas tradicionalmente línguas não-configuracionais. A visão macro-paramétrica é, por outro lado, muito mais interessante para o problema lógico da aquisição do que o entendimento de parâmetros como propriedades definidoras de construções, uma vez que a criança pode dedutivamente inferir muitas das propriedades de uma língua sem a elas estar exposta. O estudo de Baker parece ser uma janela para conciliar a noção de macro-parâmetro com a aparente atomização do conceito de parâmetro em função da perspectiva de que a variação é uma função da morfologia flexional.

Apesar dos constantes questionamentos e reformulações na teoria como um todo e nas concepções sobre Parâmetro em particular, os ganhos empíricos da teoria a partir da introdução do conceito de Parâmetro são inquestionáveis. A sintaxe enveredou por pesquisas diacrônicas, por estudos comparativos e por projetos de aquisição, mostrando que, enquanto a arquitetura da gramática é invariante em seus aspectos abstratos, a diversidade morfo-fonológica, que faz o estofa da língua, apresenta uma incrível riqueza aparente, desvendada a cada dia pela teoria como uma função de um número limitado e previsível de Parâmetros.

Recebido em outubro de 2002.

REFERÊNCIAS

- AOUN, Joseph & Y. Audrey Li. 1993. Wh-elements *in-situ*: Syntax or LF. *Linguistic Inquiry*, 24:199-238.
- BAKER, Mark. C. 1988. *Incorporation: a Theory of Grammatical Function Changing*. Chicago: University of Chicago Press.
- _____. 1996. *The Polysynthesis Parameter*. New York/Oxford: Oxford University Press.
- BELLETTI, Adriana. 1990. *Generalized Verb-Movement*. Turin: Rosenberg & Sellier.

- BICKERTON, Derek. 1989. Recent developments in formal linguistics and their relevance to acquisition studies. *DELTA*, 5:1: 51-70.
- BORER, Hagit. 1984. *Parametric Syntax*. Dordrecht: Foris.
- CHOMSKY, Noam. 1965. *Aspects of the Theory of Syntax* Cambridge, Mass: The MIT Press.
- _____ 1981. *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris.
- _____ 1982. *Some Concepts and Consequences of the Theory of Government and Binding*. Cambridge, Mass: The MIT Press.
- _____ 1986. *Knowledge of Language*. New York: Praeger.
- _____ 1987. Kioto Lectures, ms.
- _____ 1991. Some notes on Economy of Representation and Derivation. In: R. FREIDIN (org.) *Principles and Parameters in Comparative Grammar*. Cambridge, Mass: The MIT Press.
- _____ 1993. The minimalist program for linguistic theory. In: K. HALE & S.J. KEYSER (orgs) *The View from Building 20*. Cambridge, Mass: The MIT Press.
- _____ 1995. *The Minimalist Program*. Cambridge, Mass: The MIT Press.
- CLARK, Robin & Ian ROBERTS. 1993. A computational model of language learnability and language change. *DELTA*, 8: Especial: 53-103.
- COMRIE, Bernard. 1981. *Language Universals and Linguistic Typology*. Chicago: University of Chicago Press.
- CYRINO, Sonia M. L. 1994. O objeto nulo no Português do Brasil: um estudo sintático-diacrônico. Tese de doutorado, Unicamp.
- _____, M. Eugenia DUARTE & Mary A. KATO. (2000). Visible subjects and invisible clitics in Brazilian Portuguese. In: M. A. KATO & E. V. NEGRÃO (orgs) *The Null subject Parameter in Brazilian Portuguese*. Frankfurt: Vervuert.
- Duarte, M. Eugenia L. 1993. Do pronome nulo ao pronome pleno. In: Ian Roberts & Mary A. Kato (orgs) *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica. Homenagem a Fernando Tarallo*. Campinas: Editora da UNICAMP.
- _____ 1995. *A Perda do Princípio "Evite Pronome"*. UNICAMP: tese de doutorado.
- FARMER, Ann K. 1983. *Modularity in syntax: a study of Japanese and English*. Cambridge, Mass: The MIT Press.
- FARRELL, Patrick. 1990. Null objects in Brazilian Portuguese. *Natural Language and Linguistic Theory*, 8,3: 325-346.
- FUKUI, Naoki. 1995. *Theory of Projection in Syntax*. Stanford: CSLI Publications. & Tokio: Kurosio Publication (original: 1986).

- GALVES, Charlotte. 1984. Pronomes e Categorias Vazias no Português do Brasil. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, n.7: 107-136.
- _____. 1989. O objeto nulo no português brasileiro: percurso de uma pesquisa. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, 17:65-90.
- GIBSON, Edward. & Ken. WEXLER. 1994. Triggers. *Linguistic Inquiry*; 25: 3: 407-454.
- GREENBERG, J. 1966. *Universals of Language*. Cambridge, Mass.: MIT Press.
- HALE, Kenneth. 1983. Walpiri and the grammar of non-configurational languages. *Natural Language and Linguistic Theory*, 1:1-43.
- HALLIDAY, Michael. & Ruqaiya HASAN. 1976. *Cohesion in English*. Londres: Longman.
- HUANG, C. T. James. 1984. On the distribution and reference of the empty categories. *Linguistic Inquiry*, 15: 531-574.
- JELINEK, Eloise. 1985. The projection principle and the argument type parameter. University of Arizona, ms.
- JOHNSON, Kyle. 1984. Some notes on subjunctive clauses and binding in Icelandic. MIT, ms.
- KATO, Mary.A.. 1993. The distribution of pronouns and null elements in object position in Brazilian Portuguese. In: W. ASHBY et al (eds) *Linguistic Perspectives on the Romance Languages* (Current Issues in Linguistic Theory, 103); 225-36. Amsterdam: John Benjamin.
- _____. 1995a. Sintaxe e aquisição na visão de Princípios e Parâmetros. *Letras de Hoje*, 102: 57-74.
- _____. 1995b. Gramática infantil: competência plena ou uma gramática sem categorias funcionais? *Anais da 47a. Reunião da SBPC, Vol I: Conferências, Simpósios e Mesas-Redondas*. São Luiz: UFM:177-184.
- _____. 1996. Raízes não-finitas na criança e a construção do sujeito. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, 29: 119-136.
- _____. 1999. Strong and weak pronominals in the null subject parameter. *PROBUS*, 11:1-37
- _____. & Milton do NASCIMENTO 1995. Preenchedores aspectuais e quantificadores na gramática do português falado. In: A. CASTILHO e M. BASÍLIO (orgs) *Gramática do Português Falado, vol IV*, Campinas: Editora da UNICAMP/FAPESP.
- KAYNE, Richard 1994. *The Antisynmetry of Syntax*. Cambridge, Mass: The MIT Press.
- KISS, Katalin. 1995. *Discourse Configurational Languages*. New York/Oxford: Oxford University Press.

- LASNIK, Howard & Mamoru. SAITO. 1992. On the nature of proper government. *Linguistic Inquiry*, 14:235-89.
- LEBEAUX, David. 1988. *Language Acquisition and the Form of grammar*. Ph.D. Dissertation: University of Massachusetts.
- LEHMANN, Winfred P. 1978. *Syntactic Typology*. Hassocks: Harvester Press.
- _____. 1997. *Historical Linguistics and Language Change*. Cambridge: University Press.
- LI, Charles & Sandra THOMPSON. 1976. Subject and Topic: a new typology of language. In: Charles LI (org) *Subject and Topic*. New York: Academic Press. 1976.
- LOPES, Ruth.E.V. Uma proposta minimalista no processo de aquisição da linguagem: relações locais. em prep.
- MARTINS, Ana Maria. 1996. *Clíticos na História do Português*. Universidade de Lisboa: Tese de doutorado.
- NEGRÃO, Esmeralda. & Ana. L. MÜLLER. 1996. As mudanças no sistema pronominal do Português do Brasil: substituição ou especialização de formas? *DELTA*, 12. 1: 125-152.
- POLLOCK, Jean-Yves. 1989. Verb-movement, UG and the structure of IP. *Linguistic Inquiry*: 13: 211-22.
- PONTES, Eunice. 1987. *O Tópico no Português do Brasil*. Campinas: Pontes Editores.
- RAPOSO, Eduardo. 1986. On the null object in European Portuguese. In: O. JAEGLI & C. S. CORVALÁN (orgs) *Studies in Romance Linguistics*. Dordrecht:Foris.
- _____. 1994. Affective operators and clausal structure in European Portuguese and European Spanish. 24th LSRL, UCLA/USC, Los Angeles.
- RIZZI, Luigi. *Issues in Italian Syntax*. Dordrecht:Foris. 1982.
- _____. 1986. Null objects and the theory of *pro*. *Linguistic Inquiry*, 17: 501-558.
- _____. 1991. Residual V-second and the wh-criterion. In: A. BELLETTI & L.RIZZI (orgs) *Parameters and Functional Heads. Essays in Comparative Syntax*. Oxford: Oxford University Press.
- _____. 1997. The fine structure of the left periphery. In: L. HAEGEMAN (org) *Elements of Grammar*. Dordrecht: Kluwer.
- SAITO, Mamoru. 1985. *Some Asymmetries in Japanese and their Theoretical Implications*. MIT: PH.D. Dissertation.
- SAPIR, Edward 1921. *Language*. New York: Harcourt, Brace & Jovanovitch.

- SIGURÐSSON, Halldór. 1993. Argument-drop in Old Icelandic. *Lingua*, 89:247-280.
- SPORTICHE, Dominique. 1986. Jibun. *Linguistic Inquiry*, 17: 369-374.
- _____. 1995. Sketch of a reductionist approach to syntactic variation and dependencies. In: H. CAMPOS & P. KEMPCHINSKY (orgs). *Evolution and Revolution in Linguistic Theory*. Washington: Georgetown University Press.
- STOWELL, Timothy 1981. *The Origin of Phrase Structure*. MIT: PH.D.Dissertation.
- TRAVIS, L. 1984. *Parameters and the Effect of Word Order Variation*. MIT: Ph.D.Dissertation.
- URIAGEREKA, Juan 1995. An F position in Western Romance. In: K.É. KISS (org)
- WATANABE, Akira. 1992. Wh-*in-situ*, subjacency and chain formation. MIT, ms.
- WEXLER, Ken & Rita MANZINI. 1987. Parameters and learnability in binding theory. In: Thomas. Roeper & Edwin. Williams (eds) *Parameter Setting*. Dordrecht: D.Reidel.
- ZHANG, Shi 1988. Argument drop and *pro*. In: H. BORER (org) *Proceedings of the 7th West Conference on Formal Linguistics*. Stanford: The Center for the study of Language and Information. 363-374.
- ZUBIZARRETA, Maria Luiza 1998. *Word Order, Prosody and Focus*. Cambridge, Mass: The MIT Press.